

Lobolo: celebração litúrgica e tradicional no Sul do Moçambique

RHUANN FERNANDES

Outubro de 2018, lobolo de Iria Viana Martins (família Martins) e Selso Augusto Iassine Cuaira (família Cuaira).

Sul de Moçambique, província de Maputo, distrito de Matola, bairro Juba.

Nos dias 18, 19 e 20 do mês de outubro de 2018, tive a oportunidade e o prazer de acompanhar o casamento de Iria, uma amiga recente que fiz em Maputo, província do Sul de Moçambique, capital do país. O convite foi feito de maneira tardia – faltando apenas duas semanas para o casamento – e por intermédio de uma outra amiga, a Donia, de quem eu era mais próximo.

Em uma ocasião, falei à Donia que estava realizando estudos sobre lobolo para minha monografia, por intermédio do meu intercâmbio de graduação na Universidade Pedagógica de Moçambique (UP), e mencionei que estava interessado em acompanhar uma cerimônia. De imediato, ela me fez um convite para participar do lobolo de Iria, pois era dama do casamento.

Mesmo com muito entusiasmo, assumo que ao receber o convite fiquei um pouco sem graça e intrigado, já que, por meio da conversa com amigos(as) moçambicanos(as) e da leitura e discussão das referências bibliográficas que abordavam o tema em questão, notei que a cerimônia era destinada apenas aos parentes e amigos mais próximos das famílias e que, de certa maneira, os ancestrais dos noivos poderiam não gostar da minha presença, pois o lobolo envolve uma carga espiritual incalculável.

O lobolo pode ser entendido como um casamento costumeiro e recorrente no Sul de Moçambique, uma prática tradicional que envolve o kulovola (significa dar bens à família da noiva para realizar uma união reconhecida entre os parentes do noivo e os parentes da noiva). Apoiase na dinâmica, transformando-se e reinventando-se ao longo dos tempos pelas interações sociais dos indivíduos decorrentes dos processos socioeconômicos. Uma prática que se generalizou culturalmente na sociedade moçambicana e que hoje, de acordo com as famílias que o praticam e a região do país, assume diversos contornos, podendo estar inserido no conflito entre a “tradição”, o sincretismo religioso e os valores ocidentais “modernos”.

De acordo com o trabalho de Taibo (2012), o lobolo é caracterizado hoje por sua diversidade e variação, transitando em perspectivas novas, adotadas mediante a outras práticas culturais presentes na sociedade moçambicana e as antigas, consideradas como fundamentais em uma cerimônia, que devem ser respeitadas .

A antropóloga moçambicana Honwana (2002) afirma que nenhuma prática tradicional – diferente dos pressupostos da ciência moderna que classificou a tradição dos povos africanos como algo estático e homogêneo, e, portanto, hostil a mudanças – pode ser interpretada como uma cópia exata de uma prática anterior, porque elas são criadas e recriadas por intermédio dos processos de interação social e históricos. Nesse sentido, podemos dizer que a reprodução de uma categoria cultural exercida pelos indivíduos numa determinada sociedade não é igual e varia de acordo com as situações sociais que eles atravessam, pois toda reprodução cultural consiste numa alteração daquilo que foi apreendido pelos próprios indivíduos anteriormente: “as categorias culturais através das quais o mundo atual é orquestrado assimilam algum novo conteúdo empírico” (Sahlins 1990:181), assumindo valor dinâmico. É nesse sentido que o lobolo é insculpido.

O lobolo assumidamente transcende o amor, tratando-se de uma relação intrínseca com o mundo dos antepassados da noiva e do noivo, em que se estabelece um contato direto e contínuo entre os vivos e os mortos e, por intermédio da conexão com os espíritos antepassados e a realização de suas exigências, fundamenta-se a harmonia social entre os noivos; e, sobretudo, sela o laço social entre ambas as famílias, abençoando e garantindo prosperidade à família que está por vir.

Apesar das modificações atribuídas ao lobolo durante a sua prática, há algumas fases básicas tradicionais para sua realização: a primeira etapa está associada à intenção do noivo estabelecer um vínculo com a mulher desejada; para tal, parentes e amigos próximos aparecem na casa da mulher num encontro denominado hikombela-mati (pedir água). Nesse caso, seus representantes levam alguns presentes específicos e abrem o diálogo para futura cerimônia de lobolo, identificando a mulher designada pelo noivo. Esse encontro estabelece o primeiro laço com a mulher e seus familiares por parte do noivo e de sua família, e os presentes servem como mão de entrada. Nessa ocasião, os familiares da noiva aproveitam para entregar a lista de exigências (carta de lobolo) para realização da cerimônia. Após alguns meses ou anos, dependendo da capacidade do noivo para adquirir os presentes, o lobolo é realizado.

No dia do lobolo de Iria e Celso, apareceram os parentes mais íntimos, incluindo também vizinhos e amigos do casal, que influenciaram, pela oratória, nas negociações e trocas simbólicas dos presentes. Em geral, bem antes da cerimônia de lobolo ocorre o kuphalha, um culto realizado para os antepassados, para sua invocação e, posteriormente, o diálogo com eles para que o lobolo ocorra bem. Ao chegarem à casa do pai da noiva, os familiares de Celso são recepcionados e ambos os lados iniciam cantos e danças.

As bolsas e malas trazidas pela família do noivo com os presentes são colocados na sala em cima das esteiras de palha e, adiante, apresentados à família da noiva para o início da cerimônia. Durante o lobolo, há troca de presentes de acordo com os pedidos, a lista é revista e as negociações entre os parentes do noivo e os parentes da noiva se inicia. Todos os itens são verificados, além de situações lúdicas que são criadas. A suposta negociação é, de fato, uma performance: a família do noivo pode pagar uma

quantia por atraso no início da cerimônia; para chamar a noiva; caso errar o nome de algum parente; para pedir desculpas por algo etc. E, na maioria dos casos, envolve o metical.

Todavia, é o que estabelece uma interação e um momento de troca entre os dois grupos e não meramente a atribuição do valor econômico. É nesse momento de trocas de mais ou menos dinheiro que “os representantes de ambas as famílias têm a oportunidade de se expressarem, de brincarem e fazerem troça uns dos outros” (Bagnol 2008:261). O noivo fica ausente nesse momento, e a noiva, apesar de não estar presente nas negociações iniciais, por outro lado, é chamada para avaliar os presentes e ouvir o pedido de casamento, participando ativamente na negociação, tendo autonomia de aceitar as ofertas ou não e, além disso, escolher a quem direciona o dinheiro do seu lobolo. Ela decide a quantia a dar a cada membro da família, mas quem conduz a cerimônia são os tios.

A oferta de presentes durante a cerimônia de lobolo é um assunto especial e trata-se de uma ponderação minuciosa entre as partes envolvidas, pois todas as pessoas, sem distinção de sexo, devem receber algo como foi explicitado na lista e, à vista disso, a complementaridade entre o masculino e o feminino é objetivada. Nessa ocasião, apenas a mãe, o pai, o irmão e as tias de Iria solicitaram presentes, enquanto os tios eximiram-se. Após aceitar os presentes e o pedido de casamento, Iria levantou-se para trocar de roupa, auxiliada pela irmã do noivo, e voltou para sala com a finalidade de colocar a aliança e as joias adquiridas. Nesse instante, todos os outros parentes de Iria que ganharam roupas e artefatos, de acordo com o que foi exigido na carta, também tiveram que exibir a indumentária obtida. Inicia-se, a seguir, uma pequena festividade, na qual os parentes da noiva exibem-se com as novas vestes e a dança e a mistura de cantos são inseparáveis, encaminhando o fim da cerimônia.

Após o lobolo, o noivo se torna mukon’wana (genro) e, por fim, há o último processo: xigiyane, em que os pertences da noiva são levados por seus familiares para sua casa nova. O xigiyane foi feito no bairro de Jonasse, no mesmo distrito do lobolo. Os pertences que são levados, geralmente, são vestuários e utensílios domésticos que o casal precisará para iniciar o seu lar: pilão e o pau de pilar; ralador de coco; saco de carvão; um molho de lenha; fogão a carvão; alguidar ou mbenga (objeto de barro usado para moer milho, feijão ou amendoim, transformando-os em uma pasta); balde de água; lata de água; coador de coco ou amendoim; grelhador de frangos; pega de fogo (uma espécie de espátula para mover a cinza do carvão); colheres de pau; panelas; chaleira; frigideira; e o mais importante que é a mala de madeira bordada na qual constam as roupas da noiva. São oferecidas também várias capulanas (pano tradicional e histórico usado, de modo constante, pelas mulheres moçambicanas para cingir o corpo, utilizar como saia ou vestido e/ou amarrar na cabeça) nuclear e lenços. E, igualmente, outros presentes que os amigos e familiares podem oferecer à noiva: toalhas de banho ou de mesa, objetos de decoração, eletrodomésticos etc.

Acolá, a noiva é recebida pelos parentes do noivo que aguardam pela chegada de sua família. Na entrada, são recebidos com cantos e danças pela família do noivo, acompanhados por palmas e gritos agudos intermitentes e, em seguida, é realizada uma conversa entre os familiares de ambos para finalização da cerimônia. Como o Sul de Moçambique é caracterizado pela patrilinearidade, o casal viverá com os familiares do noivo ou numa residência independente.

O fato é que algumas das características que fazem que o lobolo continue de modo expressivo hoje são, principalmente: o seu instrumento para superação de problemas espirituais; a busca pela harmonia social entre vivos e antepassados; e a inscrição do indivíduo numa relação de redes de parentesco que faz parte de sua identidade social (Bagnol 2008). Em síntese, o lobolo mantém-se e, aparentemente, reforça-se de acordo com as situações sociais, “reproduzindo-se hoje num contexto em que o discurso público generalizadamente aceita (e por vezes enfatiza) a tradição” (Granjo 2003:17).



A chegada da família do noivo



Recepção da família do noivo



Iniciando a cerimônia: apresentação e ordenação dos bens



Apresentação dos presentes destinados à família da noiva



A família observa o tio (Latifo) contando os meticais solicitados pelos familiares de Iria



A noiva se senta de frente para os familiares do noivo e inicia-se a negociação



Aceite dos bens e do pedido de casamento



Noiva e os pais colocam as roupas que ganharam



Início do xigiyane. Chegada da família da noiva



Recepção com palmas, cantos e gritos agudos intermitentes



Performance de cantos e danças durante o *xigiyane*



Aperitivos e celebração do novo *mukon'wana*



Diálogo para bênção e finalização do *xigiyane*

Rhuann Fernandes é graduando em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Assistente de Pesquisa na Bloco 4 Foundation, promovendo a construção de espaços de pesquisa sobre ativismo, cidadania e políticas sociais em Moçambique. É bolsista de Iniciação Científica Pibic/CNPq na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNOL, Brigitte. 2008. “Lovolo e espíritos no sul de Moçambique”. *Análise Social*, n. 187: 251-272.
- GRANJO, Paulo. 2004. “O lobolo de meu amigo Jaime: um velho idioma para novas vivências conjugais”. *Travessias - Revista de ciências sociais e humanas em língua portuguesa*, n. 4: 47-78.
- HONWANA, Alcinda Manuel. 2002. *Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique*. Maputo: Promédia.
- SAHLINS, Marshall. 1990. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- TAIBO, Ruben Miguel Mário. 2012. *Lobolo (s) no Moçambique contemporâneo: mudança social, espíritos e experiências de união conjugal na cidade de Maputo*. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social): UFPR.

RECEBIDO: 03/12/2018

APROVADO: 07/04/2019